

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Departamento de História**

**A Família e a cidade moderna no romance Gizinha**

**Janaína Costa de Oliveira França**



**Natal/RN  
2005**

Janaína Costa de Oliveira França

**A Família e a Cidade Moderna no romance Gizinha**



*Monografia apresentada ao curso de  
História da Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte, sob a orientação do prof.  
Dr. Raimundo Arrais*

**Natal/RN  
2005**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Raimudo Arrais pela disponibilidade e paciência .

À minha amiga Margarete pelo apoio e perseverança.

Aos meus familiares e à Alexandre pela força.

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO.....  | 4   |
| I - A MODERNIZAÇÃO DE NATAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX .....                 | 7   |
| II - A SOCIEDADE NATALENSE E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DE<br>NATAL..... | .18 |
| III – A FAMÍLIA BURGUESA NO ROMANCE <i>GIZINHA</i> .....                 | 26  |
| CONCLUSÃO .....  | 35  |
| FONTES .....   | 37  |
| BIBLIOGRAFIA .....   | 37  |
| ANEXO .....  | 40  |

## INTRODUÇÃO

Utilizando como objeto de estudo a obra *Gizinha*, de Polycarpo Feitosa, o presente trabalho procura fazer uma análise, através da literatura, do modelo de família existente em Natal no início do século XX e a relação desta com o processo de modernização pelo qual passava a cidade do Natal.

Sobre Antônio José de Melo e Souza, o Polycarpo Feitosa pouco se sabe. Além de “Gizinha”, ele é autor de outras obras dentre as quais “Moluscos” e “Quase Romance”. Antônio José de Melo e Souza foi governador do Rio Grande do Norte duas vezes, sendo que na primeira completou o mandato de Tavares de Lyra.

O romance “Gizinha” foi escolhido para este estudo porque ele fornece uma representação de uma família burguesa natalense no início do século XX, mostrando como o novo passa a interferir na vida familiar, abalando valores como a autoridade paterna.

O uso de uma narrativa literária como estudo histórico foi discutido por Sandra Jatahy Pesavento que, em “História e história cultural” trata de correntes, campos temáticos e fontes, onde verificamos que uma narrativa, como no caso em estudo, “Gizinha”, constrói uma representação sobre o passado possibilitando uma pesquisa histórica.

Através de “Gizinha”, podemos verificar também um pouco do universo feminino no início do século XX. O enredo nos mostra a relação da mulher com a moda e o comportamento desta diante de uma certa liberalidade que os novos costumes lhes ofereciam e como o desenvolvimento urbano proporciona às mulheres mais presença no espaço público como mostra a monografia de Franknilda Macia de Medeiros, “Da Escola do Lar: A mulher na cidade do Natal (1915-1930)” a qual trata da necessidade de

se reafirmar o papel feminino de esposa-mãe-dona de casa diante das novas formas de socialização que a modernidade oferecia.

Em “Tudo que é sólido desmancha no ar”, Marshall Berman demonstra como a vida moderna passou a ser caracterizada pelas grandes descobertas científicas, pela industrialização da produção, pelo crescimento urbano e expansão capitalista.

Diante do processo de urbanização e modernização, introduzindo significativas mudanças nos grandes centros, Natal passa também a buscar uma aparência modernizante e as pessoas procuram também seguir um estilo de vida espelhando-se, principalmente, nas cidades européias.

Para fazer uma análise do modelo de família tratado na obra “Gizinha” foram utilizadas como suporte teórico o livro “A vocação do prazer”, de Rosa Maria Barbosa de Araújo, que estabelece uma relação da família carioca com o processo de urbanização no Rio, principalmente a partir da implantação do regime republicano; também foi utilizada a tese de doutorado de Iranilson Buriti, “Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de Família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30), no que se refere aos conceitos de família patriarcal e burguesa.

Além da obra “Gizinha” também foram utilizadas como fontes artigos do jornal “A República”, sendo que de maneira limitada devido às condições precárias de conservação e dificuldade de acesso aos mesmos.

O trabalho divide-se em três partes. A primeira trata do processo de urbanização pelo qual passaram Natal e outros centros urbanos brasileiros, a preocupação com a aparência modernizante e as intervenções públicas. A segunda parte aborda a influência dessa modernização e urbanização no cotidiano das pessoas, as novas formas de lazer, a moda e a repercussão dessas mudanças de costumes no comportamento feminino. A terceira parte do seguinte trabalho analisa a família burguesa no início do século XX

partir de “Gizinha”, uma obra escrita em 1928 que trata de questões de relacionamento familiar em Natal no início do século.

## CAPÍTULO I – A MODERNIZAÇÃO DE NATAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

No início do século XX, as cidades brasileiras, seguindo a tendência de outras cidades no mundo, passavam por um processo de modificação na sua estrutura urbana decorrente do anseio pela modernidade e progresso. No Brasil, essas mudanças tornam-se mais perceptíveis a partir da instalação do regime republicano e são caracterizadas por um conjunto de realizações inspiradas no cenário das grandes cidades européias e americanas. Ou seja, o conceito de modernidade no Brasil está ligado às influências externas.

Em “Tudo que é sólido desmancha no ar”, Berman, escreve que “o século XX talvez seja o período mais brilhante e criativo da história da humanidade, quando menos porque sua energia criativa se espalhou por todas as partes do mundo”.<sup>1</sup> As novas descobertas científicas, o processo de industrialização e as intervenções públicas nas cidades provocam várias mudanças no cotidiano das pessoas. Na busca da modernização as cidades tentam enquadrar-se no modelo europeu e segundo Franklinda,

uma ordem urbana sem precedentes manifestou-se nas contradições que emergiram no espaço das cidades, alargando suas fronteiras, tornando insuficientes os serviços públicos e modificando hábitos culturais e relações sociais<sup>2</sup>.

O crescimento das cidades e as mudanças em suas estruturas na busca pela modernidade ao desenvolvimento do capitalismo. O modo de vida burguês destaca-se. Como em Fragmentos do Passado, de Jamilson Azevedo que:

---

<sup>1</sup> BERMAN, Marshal. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 23.

<sup>2</sup> DIAS, Franklinda Macia de Medeiros. Da escola ao lar: A mulher na cidade do Natal (1915-1930). Monografia (graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A civilidade, a visão técnica, a crença no processo, são elementos presentes em todas as intervenções e modelos construídos. As cidades serão os locais de definição de um novo modo de viver, onde se vislumbram condições de conforto, bem-estar e elevados níveis de civilidade.<sup>3</sup>

Em se tratando de processo de urbanização no Brasil, a preocupação com a higiene ganha bastante destaque. Com a aglomeração de pessoas nos centros urbanos, a ocorrência de epidemias torna-se mais freqüente, tornando primordial uma reforma sanitária nas principais cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, por exemplo, a administração de Pereira Passos objetivou uma renovação urbana através do embelezamento e higienização da cidade, pois segundo Rosa Maria Araújo:

As condições sanitárias eram péssimas e as epidemias dizimavam a população, o sistema de abastecimento de água, apesar de reformulado em 1880 com a construção de reservatórios e a instalação de canos de chumbo para abastecer os prédios particulares e públicos, deixava a cidade freqüentemente exposta às secas.<sup>4</sup>

Mas é importante observar que, as transformações físicas e sanitárias realizadas no Rio de Janeiro na gestão de Pereira Passos tinha caráter elitista, provocando desigualdades na oferta de benefícios, fazendo à reação da população. Os moradores das áreas onde a administração pública era falha referiam-se ao abastecimento de luz e água, problemas de saneamento, limpeza pública e precariedade nos serviços de transporte e comunicação.

A urbanização planejada buscava “embelezar” a cidade e afastava os pobres dos ricos. Os benefícios trazidos pelas descobertas tecnológicas e desenvolvimento de infra-

---

<sup>3</sup> SOARES, Jamilson Azevedo. Fragmentos do passado: uma (re)leitura do urbano em Natal na década de 20. Natal, 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - UFRN

<sup>4</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. P. 288

estrutura era, na maioria dos casos, um privilégio para os ricos. Rosa Maria Araújo escreve que:

As bem-sucedidas experiências feitas com a energia elétrica no final do século XIX estimularam o investimento nesse setor, produzindo por força hidráulica para fins industriais e para iluminação pública e privada. O abastecimento, entretanto, será garantido nas áreas economicamente promissoras da cidade, deixando as zonas pobres mal servidas.<sup>5</sup>

No caso de Recife, capital pernambucana, assim como em outras capitais nordestinas, o poder público procurou organizar o espaço urbano na tentativa de imitar a ordem social européia. Havia vários casebres em ruas estreitas e condições de higiene precárias. A partir do início do século XIX, projetos de higienização e renovação do espaço urbano surgem como ideal de cidade moderna. Ruas largas e arborizadas vão surgindo. A repartição de saneamento, criada no governo de Manuel Borba, juntamente com a criação de vilas operárias que visavam transformar a situação insalubre e evitar que os mocambos e bairros pobres tornem-se centros irradiadores de epidemias.

Essas medidas imediatistas de higienização dos centros de grandes aglomerados de gente era primordial para a remodelação da cidade segundo às exigências modernas. Segundo Franknilda:

As primeiras reformas em Salvador ocorreram em 1906 e 1910, priorizando a Cidade Baixa. As intervenções concentraram-se sobretudo na ampliação do cais e na abertura da avenida Jequitaia. Houve também várias demolições, visando o combate das epidemias que se espalhavam pela cidade a partir da área portuária, pontuada de habitações populares.<sup>6</sup>

Como podemos perceber, de maneira geral nas grandes capitais brasileiras se buscava enquadrar as cidades nas teorias urbanísticas/higienistas européias. A

---

<sup>5</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: A cidade e a família no rio de Janeiro republicano. Pg. 289.

<sup>6</sup> DIAS, Franknilda Macia de Medeiros. Da escola ao lar: a mulher na cidade de Natal (1915 - 1930)

transformação urbana a partir dos princípios de embelezamento e melhoramento das infra-estruturas tencionava aproximar a imagem da cidade brasileira à imagem de cidade civilizada.

Assim como nos grandes centros urbanos brasileiros, Natal se viu atingida com as transformações com a chegada do século XX. Segundo Janilson Azevedo,

As idéias que se projetam a partir do cenário das grandes cidades européias e americanas, de alguma forma repercutem na expressão do urbano local, na medida em que Natal recebe influências do exterior e de centros urbanos mais desenvolvidos do País.<sup>7</sup>

Com o desenvolvimento capitalista a partir da Revolução Industrial, as cidades passaram a dispor de mais recursos e foram tomadas pelo anseio pela modernidade. No caso de Natal, as transformações urbanas, como em outras capitais brasileiras, foram frutos da intervenção estatal para tentar enquadrar a cidade no processo de modernização pelo qual vinham passando os grandes centros urbanos. As notícias sobre as mudanças urbanas chegavam à Natal principalmente através de jornais, como *A República* e pelas pessoas privilegiadas que podiam viajar e estudar fora. Na monografia de Franknilda lemos que,



As elites natalenses viajavam constantemente para centros urbanos mais desenvolvidos no Brasil e na Europa, abrindo novas perspectivas para a cultura social e provocando mudanças nos costumes da cidade. A maioria dos homens públicos, intelectuais, políticos e administradores de governos estadual e municipal, assim como seus filhos, moravam ou haviam morado em Recife, Salvador ou rio de Janeiro.<sup>8</sup>

Logo no início do período republicano, Natal não atendia as expectativas de uma elite já ansiosa por mudanças urbanas. A cidade ainda tinha características rurais, com

<sup>7</sup> SOARES, Janilson Azevedo. Fragmentos do passado: Uma (re)leitura do urbano em Natal na década de 20.P.20

<sup>8</sup> DIAS, Franknilda Macia de Medeiros. Da escola ao lar: A mulher na cidade do Natal (1915-1930)

ruas estreitas e sem infra-estrutura. Para termos uma idéia de como era Natal no início do século XX, período em que vários centros urbanos no mundo e no Brasil começavam uma corrida em direção ao modelo de cidade moderna, Giovana Paiva escreve que:

Até o final do século XIX, Natal possuía somente esses dois bairros, a Cidade Alta, que adquiriria características residenciais, com um pequeno comércio elitista, e a Ribeira, área comercial onde residiam os comerciantes e os trabalhadores do comércio e da pesca, lugar dos armazéns, dos hotéis, do lazer e das atividades administrativas.<sup>9</sup>

Ou seja, até o início do século XX, Natal ainda possuía uma estrutura de cidade colonial, com ruas estreitas, a sociedade era agrária e a maior parte da população era pobre e analfabeta. A preocupação em inserir Natal no processo modernizatório surge com a instalação do regime republicano. É a família de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão quem lidera o movimento republicano e domina o Rio Grande do Norte por 28 anos. *Pedro Velho*<sup>10</sup> reúne em torno dos idéias republicanos amigos e parentes e funda o partido republicano, fundando também o jornal *A República*, cujo primeiro número circulou no dia 1º de julho de 1889.

Diante do quadro de modernização por que passavam várias cidades brasileiras, a elite natalense se via ansiosa por inovações como cinema, teatro, luz elétrica, bondes, telefone, saneamento, ruas pavimentadas e arborizadas, etc. Na verdade, essa elite estava ansiosa por livrar-se do cenário arcaico e sem perspectiva de mudanças. Jamilson Soares escreve que:

Na impossibilidade de se criar toda uma nova cidade no lugar da existente, a elite dirigente apostou na construção de uma nova área que se caracterizasse por sua distinção do espaço construído e habitado ao longo dos três séculos de

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. De cidade a cidade: O processo de modernização do Natal 1889/1913. Natal: EDUFERN, 1999 P. 21

<sup>10</sup> Para maiores informações sobre Pedro Velho e a Oligarquia Albuquerque Maranhão ver: SOUZA, Itamar de *A República Velha no Rio Grande do Norte: 1889-1930*. Brasília: Centro gráfico do senado, 1989.

existência. Dessa maneira, a construção da Natal moderna passava necessariamente pela criação de uma Cidade Nova, com todas as condições de salubridade adequadas para um viver confortável e saudável que as áreas asfíxiantes da Ribeira e Cidade alta não mais permitiam.<sup>11</sup>

O comércio local também tinha suas reivindicações. Haveria o melhoramento do porto de Natal para facilitar a entrada de vapores de maior porte na entrada da barra do rio Potengi. Giovana Paiva cita um trecho do Jornal *A República* de 24 de dezembro de 1889 que trata do problema da barra do rio Potengi onde existiam pedras e a solução seria a colocação de uma bóia na Pedra Cabeça do Negro e a destruição, com dinamite, da Pedra baixinha.

Vai abrir-se a barra! Isto sintetiza uma revolução completa na nossa onda econômica. Para nós que não tínhamos comércio, que vivíamos na dependência absoluta exclusiva de Pernambuco, sem comunicação como os outros estados, nem com os países europeus (...).<sup>12</sup>

A elite natalense fica eufórica em torno da proposta de expansão urbana da cidade. Segundo Pedro de Lima, “trata-se simplesmente de um modo de expansão urbana com uma malha em xadrez, que deixou a cidade existente intocada na sua forma histórica de crescimento irregular”.<sup>13</sup> O novo bairro, criado como escopo para a elite, começou composto por quatro avenidas paralelas denominadas com os nomes dos quatro presidentes da república – Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes e Campos Sales, sendo essas cortadas por seis ruas com nomes dos principais rios do estado – Seridó, Potengi, Trairí, Mipibú, Mossoró e Assú. Segundo Jamilson Azevedo:

O processo de ocupação do espaço projetado passou a ocorrer concretamente na medida em que a iniciativa do

---

<sup>11</sup> SOARES, Jamilson Azevedo. Fragmentos do passado: Uma (re)leitura do urbano em natal na década de 20. P. 18

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. De cidade a cidade: O processo de modernização de Natal 1889/1913. Natal EDUFERN, 1999, P. 45.

<sup>13</sup> LIMA, Pedro de. O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas. Natal: cooperativa cultural, Sebo Vermelho, 200. Pg. 40.

poder público tornava a referida área uma atraente realidade saída do papel, notadamente com a abertura e pavimentação de ruas e avenidas e a instalação de linhas de bondes.<sup>14</sup>

Ou seja, era necessário um conjunto de infra-estrutura para que a elite se sentisse atraída e satisfeita com as medidas de urbanização. No jornal *A República* lemos que:

A estética de uma cidade não se pode eleger somente da boa situação topográfica (...), ela é bem a resultante duma série de condições inapreciáveis entre as quais é justo salientarem-se os estilos vários que possam orientar a arquitetura renovadora, e os jardinamentos, a arborização em geral.<sup>15</sup>

Paralelamente às ações na estrutura física da cidade, ou seja, a remodelação desta, o governo norte-riograndense, assim como os de outras capitais brasileiras tomando medidas de higienização e prevenção de focos de epidemias. Essa era uma preocupação nacional, pois com o acelerado processo de urbanização, as cidades se tornaram centros de aglomeração populacional, atraindo a atenção de autoridades e médicos.

No jornal *A República* percebemos o interesse, o nível nacional e local de se educar e despertar a população para a questão da higiene.

O Dr. Marcondes Romero, chefe do serviço de saneamento federal neste estado, realizou ontem na escola doméstica uma bela conferência sobre higiene, a pedido de Miss. Leora James. O conferencista fez longas considerações sobre a ação administrativas do governo do conselheiro Rodrigues Alves, na parte referente à higiene e salientou a tenacidade e o saber de Oswaldo Cruz.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> SOARES, Janilson Azevedo. Fragmentos do passado: Uma (re)leitura do urbano em natal na década de 20. Pg. 40

<sup>15</sup> A arborização de Natal. *A República*, 13 de Março de 1928.

<sup>16</sup> *A República*, 30 de Setembro de 1919.

Em Natal, através da inspetoria de Higiene Pública do Rio Grande do Norte, procurava-se soluções para a questão sanitária. Prédios e residências passavam por constantes fiscalizações. Através dessas fiscalizações, uma vez detectada condição insalubre nessas residências ou prédios, os proprietários viam-se convocados a apresentarem soluções para o problema.

Segundo o plano de saneamento posto em prática no governo de Alberto Maranhão era proibido o escoamento de água servida para a rua e praças. A estrutura hospitalar da cidade foi reorganizada. A questão da saúde no estado exigia atenção por parte das autoridades. Em *História da República Velha no Rio Grande do Norte*, Itamar de Souza escreve que:

O estado sanitário da capital e do interior era muito precário (...) No intuito de mudar esta situação, o então atual governador Antônio José de Melo e Souza, reformou os serviços de higiene e saúde pública. Através do decreto nº 137 de 28 de março de 1921, criou o serviço de profilaxia das moléstias venéreas com atuação em todo o estado. Fundou também o serviço de profilaxia rural.<sup>17</sup>

Ainda no período administrativo de Alberto Maranhão, Henrique Castriciano foi nomeado secretário de governo e passou a coordenar os processos de concorrências públicas para contratação de obras e serviços públicos. Segundo Giovana Paiva,

é o momento em que se inicia a maioria das grandes obras, projetos de prédios públicos e residências de particulares que, definitivamente, modificaram a estrutura física da cidade.<sup>18</sup>

Deu-se às substituições de residências insalubres por outras mais saudáveis e modernas. O plano estético buscava união com a questão do sanitarismo. A cidade passa

---

<sup>17</sup> SOUZA, Itamar de. A república velha no Rio Grande do Norte: 1889 – 1930 Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1989. P. 246

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. De cidade a cidade: O processo de modernização do Natal 1889 / 1913 Natal. EDUFERN, 1999. P. 77

por um processo de embelezamento, ou, usando o termo da época, aformoseamento.

Segundo Jamilson Soares:

Vários melhoramentos na infra-estrutura e na estética da cidade são incluídos na gestão de Alberto Maranhão (...) instalação de um forno para incineração do lixo urbano, a construção de um jardim cercado por um gradil de fabricação francesa, calçamento a granito da praça André de Albuquerque e de outros trechos da cidade.<sup>19</sup>

Em seu governo, Alberto Maranhão também investiu uma grande quantia na educação. Restabeleceu a Diretoria Geral da Instrução para coordenar o sistema que iria ser implantado. Itamar de Souza escreve que:

Na capital, criou o grupo escolar Frei Miguelinho, situado no bairro do Alecrim (...). Sensível às artes, ele criou a Escola de Música destinada a ensinar música, estética, história e literatura musical e belas artes. Para atender à demanda de docentes do sistema educacional, ele criou a Escola Normal para formar professores de ambos os sexos.<sup>20</sup>

Em sua administração, Alberto Maranhão precisou recorrer a empréstimo no exterior para poder desenvolver a cidade e torna-la aprazível à elite local. De posse dos recursos necessários, ele inicia a contratação de empresas a fim de executarem as obras do porto, saneamento e melhoramento das firmas locais. A responsabilidade pela execução dos serviços de saneamento, água, iluminação e bondes elétricos ficou com a Empresa de Melhoramentos de Natal. Esta medida proporcionou a modernização nos serviços públicos pois, segundo Itamar de Souza:

Antes, a iluminação de Natal era feita a gás acetileno, restrita a alguns setores. Além da aquisição de motores para a Usina Elétrica do Oitizeiro, ele construiu um prédio em local perto do viaduto, no Baldo, para a referida usina. Implantou,

---

<sup>19</sup> SOARES, Jamilson Azevedo. Fragmentos do passado: Uma (re)leitura do urbano em Natal na década de 20. P 46.

<sup>20</sup> SOUZA, Itamar de. A república velha no Rio Grande do Norte: 1889 – 1930. Brasília: Centro gráfico do senado, 1989 P. 239.

igualmente sete quilômetros de linha eletrificadas nos bairros de Cidade Alta, Alecrim, Tirol e Petrópolis para os bonde elétricos poderem circular.<sup>21</sup>

Motivo de grande entusiasmo na cidade também foi a instalação de inovações decorrentes da Companhia Ferro Carril do Natal, “uma sociedade anônima formada por comerciantes da Capital e que teria por objetivo explorar o serviço de transporte de pessoas e mercadorias na cidade”.<sup>22</sup>

Através do jornal *A República*, percebemos a ansiedade da sociedade local em relação à melhoria e modernização dos transportes.

(...) A nossa capital já tem população e desenvolvimento bastantes para sustentar uma empresa de transporte. Outras cidades menores dispõem já dos meios de locomoção que nos faltam.<sup>23</sup>

De início, os bondes elétricos só atendiam à bairros que já tinham linha como a Ribeira, Cidade Alta e Cidade Nova. Outras linhas como Monte Petrópolis e Tirol foram inaugurados posteriormente.

Podemos perceber que, para realizar os projetos de melhorias e urbanizar Natal seguindo os moldes dos grandes centros urbanos, Alberto Maranhão contou com o auxílio da iniciativa privada. “Para o governo e a elite que o apoiava, tornara-se prioritário promover a realização de obras capazes de garantir a elevação do padrão de desenvolvimento do Natal”.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte: 1889-1930*. P.236

<sup>22</sup> DIAS, Franknilda Macia de Medeiros. *Da escola ao lar: a mulher na cidade do Natal (1915 -1930)*

<sup>23</sup> *A República*, 18 de Janeiro de 1908.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: O processo de modernização do Natal. 1889/1913*. Natal. EDUFRN, 1999 P. 89.

Essa elite natalense via-se impulsionada a agir em prol da modernidade devido à empolgação com o ideário do mundo moderno. Elementos do mundo europeu exerciam fascínio sobre um povo que até então, vivia numa cidade de estrutura ainda colonial. Franknilda escreve que:

Na segunda década do século XX, a cidade do Natal compunha um cenário moderno: Um número crescente de pessoas transitava em bondes elétricos, vestiam-se com o que existia de mais atual na moda inglesa e francesa, freqüentavam o teatro e o cinema e iam à Praia de bonde.<sup>25</sup>

É importante ressaltar que, para a elite local, pouco importava se esse processo de modernização não estava sendo promotor de mudanças na sociedade como um todo. A urbanização planejada da cidade não resolveu o problema da pobreza, mas o que importava era a aparência. Nessa época de “aformosamento” dos centros urbanos, a população pobre era vista como algo que se precisava esconder e afastar da área “nova” da cidade. Jamilson escreve que:

Nessa época, vários foram os centros urbanos e capitais dos estados que promoveram esse tipo de assistencialismo policialesco para afastar a miséria de suas vistas: Os indigentes eram vistos como vilões, entulhos a ser removidos do espaço urbano, o que, na verdade, era uma forma de tentar camuflar a realidade social da época.<sup>26</sup>

Mas esse tipo de problema, ou seja, a segregação sócio-espacial, agravado pela corrida modernizante, não abala os interesses da elite natalense. Esse processo de modernização implica em desenvolvimento gerado pelo capitalismo e exclusão de quem não pode estar inserido nesse processo.

---

<sup>25</sup> DIAS, Franknilda Macio de Medeiros. Da escola ao lar: A mulher na cidade do Natal (1915-1930)

<sup>26</sup> SOARES, Jamilson Azevedo. Fragmentos do passado: Uma (re)leitura do urbano em Natal na década de 20. P. 71.

## CAPÍTULO II – A SOCIEDADE NATALENSE E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DE NATAL

As transformações estruturais ocorridas nos centros urbanos brasileiros, no processo de modernização no início do século XX, provocaram mudanças no cotidiano das pessoas, proporcionando outros estilos de convívio social. A sociedade moderna passa a desfrutar mais dos espaços públicos, como parques, cinemas, restaurantes e praças. Em “A vocação do prazer”, Rosa Maria Barboza escreve que:

A intensa urbanização do Rio republicano tornou a diversão pública uma extensão do lazer doméstico. Os clubes e associações proliferavam na cidade, promovendo festas, eventos culturais e atividades esportivas<sup>27</sup>

A dança torna-se uma das diversões favoritas, e o tango e o maxixe passam a ser aceitos nos salões das elites. Outros ritmos, como o fox-trot, o ragtime e o Charlester, originários dos Estados Unidos, ganham o Brasil. A sociedade encontra nos clubes e associações surgidos principalmente no início do século XX, divertimentos como saraus, matinées infantis, concertos e bailes. Estes últimos eram, particularmente, bastante atrativos para as moças da época.

Dentre as múltiplas opções de lazer surgidas com o desenvolvimento urbano, as saídas noturnas ganham destaque e a elite brasileira procurava espelhar-se no estilo de vida europeu, assimilando os hábitos de estilo de vida europeu, assimilando os hábitos de lazer destes. Rosa Maria Araújo escreve que:

O gosto pelo teatro, pela ópera e pelo cabaré influenciados pela cultura européia, adaptou-se às condições locais de

---

<sup>27</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. P. 336.

produção e consumo, na busca de uma satisfação geral do espírito e da carne.<sup>28</sup>

O cinema também surge como opção de diversão e rapidamente exerce fascínio sobre a sociedade. Seguindo o exemplo do Recife, Iranilson diz que:

Ele surge para modificar os costumes urbanos e circunscrever as pessoas de condições sócio-econômicas diferentes (...). São novos espaços de sociabilidades que concorrem com os antigos, freqüentados pela família tradicional.<sup>29</sup>

Mas é importante ressaltar que, além do fascínio exercido pelas novas opções de lazer, havia também o “choque” diante da rápida mudança de costumes que a modernidade proporcionava. Os tradicionalistas deparavam-se com a ditadura da moda em todos os sentidos. A nova sociedade copiava costumes dos grandes centros urbanos. Atualizavam-se através de jornais e revistas do que era novidade no exterior. A elite ansiosa pelo moderno passa a repulsar, tudo que é considerado antigo, Segundo Durval Albuquerque:

A cidade passa a ditar modas, a difundir idéias, a alterar a própria sensibilidade social cada vez mais voltada para o novo, para o moderno, para o artificial, para o não-familiar.<sup>30</sup>

À sociedade moderna interessava a todo custo o esquecimento de comportamentos e atitudes tradicionais. A moda ditada principalmente por Paris, desperta nas mulheres o intenso desejo pelo consumo. Iranilson Buriti, escreve que:

Os vendedores de luxuosos tecidos e apetrechos vindos da Europa (Cartola Inglesa, pentes de marfim, filós, cetim,

---

<sup>28</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. A vocação do prazer: A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. P. 342.

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30). Recife, 2002 P.86

<sup>30</sup> ALBUQUERQUE JR, Duval Muniz. Nordeste: Uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste 1920-1940). P. 101

botinas de duraque) também fissuram o discurso patriarcal, ao despertarem no sexo feminino o desejo de comprar, de consumir de sair às ruas, de subjetivar nos trejeitos.<sup>31</sup>

A preocupação maior diante das mudanças de costumes trazidos pela moda, era a do comportamento feminino. As mulheres passam a marcar mais presença no espaço público e, conseqüentemente caem sobre elas as exigências de boas maneiras e etiqueta, mas sempre devendo permanecer atentas em relação ao que seriam tradicionalmente seus verdadeiros deveres, pois “a mulher passa a ser vista como o centro do lar; é ela a responsável pela manutenção da harmonia e ordem familiares”.<sup>32</sup>

A preocupação em relação à moda se dá porque o vestuário feminino torna-se mais ousado. As roupas de praia, por exemplo, expõem cada vez mais a nudez da mulher. Quanto às roupas de sair, procurava se acompanhar o estilo parisiense. Não se quer mais usar o tradicional preto e branco, a moda é a variação de tons. Os cabelos também acompanham a moda e tornam-se curtos. Em *Recônditos do mundo feminino*, Marina Maluf escreve que:



Na virada do século a moda eram os rebuscados penteados ornamentais, com as ondas conseguidas artificialmente comum ferro de frisar. Duas décadas depois, os cortes indicavam que as mulheres não mais se contentavam com a antiga imagem de freqüentadores de teatros e jantares. Estavam esculpindo uma silhueta de mulher moderna.<sup>33</sup>

Os modelitos, com decotes mais ousados, exigem uma nova silhueta feminina, e a ginástica passa a fazer parte do cotidiano da mulher moderna. Surgem também as

<sup>31</sup> OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de família no Recife moderno.

<sup>32</sup> DIAS, Franknila Macia de Medeiros. Da escola ao lar: A mulher na cidade do Natal (1915-1930)

<sup>33</sup> MALUF, Marina; MOTT, Lúcia Maria. Recônditos do mundo feminino. IN: SEUCENKO, Nicolau (org). História da vida privada no Brasil. P. 370.

novidades nos cosméticos: novos batons, rouge, pó-de-arroz e o delineador para os lábios. O importante para a mulher no início do século, era não se identificar mais com o que era considerado atrasado, mesmo que para manter-se na moda de vestimentas e costumes ela tivesse que enfrentar ainda do tradicionalismo, pois segundo Iranilson,

A mulher pode ter demorado a conquistar o espaço público, mas quando começou a conquista-lo, o fez com rupturas e conflitos, com descidos e com novas costuras, disputando com os homens os assentos nos bondes, nos cafés, nas chávenas, nos bailes, nas arquibancadas dos estádios e nas filas dos cinemas”.<sup>34</sup>

Na medida em que a cidade do Natal vai mudando sua estrutura física decorrente do processo de urbanização, sua sociedade vai absorvendo novos costumes na ânsia pelo rótulo de sociedade civilizada e progressista. As inovações no cenário urbano, como instalação de bondes, iluminação pública, teatros, praças etc. faz com que os moradores tenham outras opções de lazer. Um grande marco no processo de criação de espaços socializantes para a elite em Natal, foi a criação do Natal clube em Julho de 1906. Segundo Jamilson Soares:

Esta associação recreativa marcou época na cidade, por promover as primeiras festas da elite em ambiente adequado para aqueles interessados em ensaiar os primeiros passos rumo a uma vida social movimentada e glamourosa, como deveria ser em uma cidade que se preparava com entusiasmo para modernizar-se.<sup>35</sup>

A urbanização faz surgir vários outros centros de socialização, como restaurantes, cafés, hotéis, cinema e teatro. O hábito de sair à noite intensifica-se, assim como também os banhos de mar. O Politheama foi o primeiro cinema da cidade,

---

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30). Recife, 2002 P. 45

<sup>35</sup> SOARES, Jamilson Azevedo. Fragmentos do passado: Uma (re)leitura do urbano em Natal na década de 20. P. 80.

inaugurado em dezembro de 1911. O teatro Carlos Gomes foi outra novidade trazida com a modernidade, fundado em 1898 e reformado no segundo governo de Alberto Maranhão, quando passou a denominar-se teatro Alberto Maranhão. Mas este não chegava a reunir grande platéia devido a concorrência existente com os cinemas e circos. Jalmilson escreve que:

Os cinemas locais constituíam-se também em um espaço a mais para a música e para os profissionais que viviam dessa arte. Nessa época de cinema mudo, todas as casas de exibição mantinham afinadas orquestras para dar uma trilha sonora aos filmes apresentados e abrilhantarem as suas chamadas “sessões chic”.<sup>36</sup>

Assim como em outros centros urbanos brasileiros, o samba, tango e maxixe ganham cada vez mais apreciadores em Natal. Mas é importante ressaltar que essas inovações na dança causavam também espanto em muita gente. O jornal *A República* e a revista *A cigarra* foram divulgadores das novidades proporcionadas pela modernidade bem como as mudanças nos hábitos sociais. Em 1906, por exemplo, o jornal *A República* publica uma nota referente ao mau comportamento de algumas pessoas que se portavam inadequadamente em ambientes públicos:

“Muitos expectadores das gerais não se portaram bem durante o espetáculo, o que é deveras para se lamentar. Admite-se a pilhéria (engraçada), ou mesmo a vaia, mas quando tem razão de ser. No sábado não foi assim: eram vias sem motivos que as justificassem, pilhérias insossas às pessoas que procuravam cadeiras no recinto e até alguns com ataques histéricos, sem o mais leve respeito às autoridades que ali se achavam. Cumpra a quem policiar a nossa casa de espetáculos, um pouquinho mais de energia, fazendo ver que ali não é um circo de cavaleiros ou alguma feira de aldeia”.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> SOARES, Jalmilson Azevedo. Fragmentos do passado: Uma (re)leitura do urbano em Natal na década de 20 P. 128

<sup>37</sup> *A República*, 10 de novembro de 1906.

O acontecido acima ocorreu durante a exibição do filme “criação assombrosa” no teatro Carlos Gomes. A matéria faz uma severa crítica á falta de educação das pessoas. Outra forma de lazer que passou a ser bastante explorada na época, além de teatros e cinemas, foram as praias. A “Praia do Meio”, antes conhecida como “Praia do Morcego” era o local mais freqüentado para banhos de mar. Redinha e Areia Preta era a atração para jovens banhistas. Na *Revista Cigarra*, vemos referência às Praias e aos banhistas. Esportes e cinema também são bastante mencionados na Revista.

No início do século XX, as mulheres natalenses passam a desfrutar mais o espaço público. A urbanização intensa e a ânsia pela modernização faz com que a mulher ganhe às ruas seja adquirindo mais espaço no trabalho extra-doméstico, seja através das novas opções de lazer. Esse fato chama a atenção dos mais conservadores pois segundo Franknilda,

A invasão do cenário urbano pelas mulheres não traduz um abrandamento das exigências morais. Ao contrário, quanto mais ela se faz presente nos espaços públicos, mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos, do marido exceto pelas longas horas de trabalho.<sup>38</sup>

Com os novos tempos, a mulher tinha que saber conciliar a vida pública com a sua imagem de mãe e esposa exemplar. No jornal *A República* fica clara a preocupação social com o comportamento feminino: “A missão da mulher é uma só: fazer os grandes homens, como esposas ou como mães”.<sup>39</sup>

Tamanha preocupação com as mulheres se dava, principalmente pela influência da moda e costumes trazidos pela modernidade. O interesse em “estar em dia com a moda” fazia das mulheres consumidoras de produtos de inspiração européia. Lemos no jornal *A República* que:

---

<sup>38</sup> DIAS, Franknilda Macia de Medeiros. *Da escola ao lar: A mulher na cidade do Natal (1915-1930)*

<sup>39</sup> *A República*, 10 de Setembro de 1928.

Quanto à moda não teremos feito também algum progresso? Note as moças de hoje veítem com elegância e gosto, modéstia à parte, tem hábitos novos na vida da sociedade, e não são mais como os natalenses de há poucos anos decorridos <sup>40</sup>

A preocupação com a própria imagem torna a mulher obsessiva com embelezamento das vestimentas e cabelos. Na revista *A Cigarra* vemos artigos destinados ao culto da beleza feminina, dicas de elegância, dicas de higiene e limpeza etc. A revista *cigarra*, assim como o jornal *A República* também publicam periodicamente entrevistas com moças de destaque na sociedade natalense da época.

“A República” 20/10/1937

7 Dias na sociedade

Maria do Socorro – nossa entrevistada

“Sete dias na sociedade, na sua entrevista semanal, procurou ouvir Maria do Socorro Andrade, deleta filha do casal Claudionor de Andrade e D. Wancy Aquino de Andrade.

Socorro Andrade, uma das debutantes apresentadas à nossa sociedade, este ano, pelo Aeroclube, é aluna do Colégio Imaculada Conceição, sendo uma jovem bonita, inteligente e estudiosa, representa maravilhosamente a distinção e graça de nossa juventude.

P – Qual o recanto mais pitoresco de Natal?

R – Areia Preta

P – Como deve ser uma verdadeira mulher?

R – Meiga, compreensiva e independente

( . . . )

P – qual o clube mais aristocrático da cidade?

R – O Aero Clube

P – É contra ou a favor do divórcio?

R – Ainda não tenho idade para entrar nessa indagação.” <sup>41</sup>

A entrevista acima nos mostra quais os locais de preferência da sociedade natalense no início do século XX, bem como um pouco do pensamento feminino de como deveria ser a mulher, ou seja, no exemplo acima, a entrevistada diz que a verdadeira mulher deve ser compreensiva, meiga mas independente. Não fica bem claro em que sentido essa idéia de

---

<sup>40</sup> A República, 09 de Março de 1923.

<sup>41</sup> A República, 20 de Outubro de 1937

independência foi empregado, pois na época, apesar das mulheres desfrutarem mais do espaço público, elas não podiam esquecer de suas principais obrigações como esposas e mães.

### **Capítulo III – A FAMÍLIA BURGUESA NO ROMANCE *GIZINHA***

O romance “Gizinha” foi publicado em 1928, por Antônio José de Melo e Sousa, de pseudônimo Polycarpo Feitosa. O enredo gira em torno de uma família burguesa no início do século XX, em Natal, com seus conflitos de relacionamentos numa sociedade que incorporava novos costumes e modas vindas de grandes centros urbanos.

Os pais de Gizinha e Renato – Azevedo e Regina – vivem um casamento de aparências. A “falsa” harmonia conjugal é mantida através da realização de todos os desejos de Regina.

A filha Gizinha, personagem principal do enredo, era vista no meio local como “moderninha”. Ela é ousada para a época e choca a sociedade com um beijo trocado publicamente com um namorado ocasional. Ela também impressiona com sua maneira de dançar e se vestir.

Julinho Silveira, amigo da família, pede Gizinha em casamento e pouco tempo depois acha-se perturbado por dúvidas acerca da reputação de sua noiva devido a comentários sobre o beijo que ela trocara em público com Roberto Lima.

Após o casamento, Gizinha encontra-se entediada pela monotonia conjugal e se vê sem saber como agir diante do comportamento agressivo de seu marido. Seguindo os conselhos de sua mãe, Regina, Gizinha passa a “suportar” o marido, através da indiferença e desprezo, preferível ao divórcio, segundo a mãe.

O ciúme e a desconfiança em torno de Roberto Lima faz com que Julinho torne-se cada vez mais agressivo a ponto de bater na esposa e tentar matar seu “suposto” rival. Diante de tal situação, a convivência com gizinha fica praticamente impossível e o fim dá-se com a morte de Julinho em Manaus.

Utilizando como objeto de estudo o romance “Gizinha”, de Polycarpo Feitosa, pode-se fazer uma análise do modelo familiar existente em Natal no início do século XX, as formas reais que assumia e o modelo que se pretendia atingir como ideal de família burguesa.

Pouco se sabe sobre o autor de “Gizinha”. Antônio José de Melo e Sousa nasceu em 24 de dezembro de 1867 e era filho do Tenente Antônio José de Melo e Souza e D. Maria Emília Seabra de Melo e Sousa. Formou-se bacharel em direito pela faculdade de Direito do Recife em 1889. Destacou-se no jornalismo e na política, chegando a ser governador do rio Grande do Norte para completar o mandato de Tavares de Lira, em 9 de dezembro de 1906, e governou pela segunda vez, de 1º de janeiro de 1920 à 31 de dezembro de 1923, dando prioridade, em sua administração à educação e saúde. De acordo com Itamar de Souza,

Por ser natural de Nísia Floresta, Antônio José de Melo e Sousa, era chamado por seus adversários de “estadista do capió” numa referência malévola ao vale onde se encontra sua terra natal e às qualidades do governante.<sup>42</sup>

Considerado um homem incorruptível em sua vida pública, vivia com as irmãs solteiras e era celibatário. Apesar de não ter vivido a realidade de um casamento, Polycarpo Feitosa, em “Gizinha”, nos faz uma representação de uma família burguesa com seus hábitos e conflitos, bem como nos dá ricas informações sobre Natal no início do século XX.

Pelo estudo de uma obra literária como “Gizinha” é possível se fazer uma reconstrução da sociedade da época, ou seja, o início do século XX, pois o autor

---

<sup>42</sup> SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte: 1889-1930*. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1989 P.236

trabalha a representação do cotidiano da cidade. Ele menciona bairros e costumes locais, analisa a adesão feminina à moda nos anos 20 e situações vividas pela família.

Ao escrever uma obra literária, o autor empresta à mesma um pouco de suas experiências, de seu ponto de vista sobre a realidade. É preciso, então, tentar entender a realidade do autor, pois segundo Sandra Jatahy Pesavento ela é

fragmentada e é o discurso que procura dar ordem, mas em múltiplas combinações, medindo as partes com o todo, os sujeitos com o social, o sensível com o racional, o singular com o universal.<sup>43</sup>

No caso de “Gizinha”, o autor, ao escrever a obra, vive uma realidade de “impacto” que as mudanças de costumes e a moda causavam nas famílias e na sociedade. O autor representa um pouco dos anseios e conflitos da época através da narrativa. Sandra Jatahy escreve que:

A história cultural, debruça-se ela sobre a escrita do teatro, sobre a edição do livro ou sobre a leitura, permite reconstruir o passado como objeto de pesquisa, tentar atingir a percepção dos indivíduos no tempo, quais são seus valores, aspirações, modelos, ambições e temores.<sup>44</sup>

Para melhor entendermos o universo da família através de *Gizinha*, é necessário considerar as principais questões que perpassam a família brasileira no início do século XX e que vão estruturá-la.

Em *A Vocação do prazer*, partindo do exemplo do Rio de Janeiro, Rosa Maria Barbosa de Araújo analisa como se buscava construir uma família ideal, embora muitas vezes, baseada na infelicidade conjugal.

---

<sup>43</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pag.70

<sup>44</sup> IBID. Pág.71

No caso dos pais de Gizinha, embora tentassem passar a idéia de uma família mantenedora dos hábitos patriarcais, eles denunciavam que essa “harmonia” da estrutura familiar baseava-se, principalmente, na satisfação das vantagens de Regina. Em certa passagem, o narrador escreve que:

De índole pacífica, Azevedo conciliava, sem grandes dificuldades, o prestígio nominal de dono da casa com o desejo de satisfazer a vontade dela e assim obter aquela risonha fachada de conformidade de que todos gabavam <sup>45</sup>

Rosa Maria Barbosa estabelece uma relação da família com a sociedade carioca no início do século XX e escreve que o regime republicano está relacionado com as mudanças de costumes decorrentes da modernização. Segundo a autora, “foi a proclamação da República o grande divisor de águas no processo de transformação urbana que definiu a identidade cultural do Rio”.<sup>46</sup> Ou seja, as transformações urbanas devido ao processo de modernização das cidades, interfere nos costumes, atingindo a família.

No enredo de Polycarpo Feitosa, a filha Gizinha era vista como “avançada” para sua época. Seu comportamento e modo de se vestir causa conflitos de opiniões entre seus pais. Apesar de Azevedo não concordar com o comportamento da filha, ele sabe que é inútil ir de encontro às mudanças. O autor deixa claro o “impacto” dessas mudanças de costumes na passagem que se segue, num diálogo entre os pais de Gizinha:

- Bons tempos, em que uma filha ata e desata um negócio dessa ordem, sem a mãe saber nem aconselhar.

Azevedo está se referindo aí, ao tempo do namoro de Gizinha com Roberto e o início do namoro com Julinho.

- Você é do tempo antigo – diz Regina rindo

---

<sup>45</sup> FEITOSA, Polycarpo. Gizinha. Natal: A.S. editores, 2003 p.20

<sup>46</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. P. 36



- Pois quero ser mesmo do tempo antigo, que, ao menos havia mais seriedade e as mulheres andavam vestidas.
- Já estava tardando a música... Se você fala todo dia nisso, por que não obriga sua filha a se vestir?
- Porque não quero que ela fique atrás das outras e fora da moda.<sup>47</sup>

Através desse diálogo entre os pais de Gizinha verificamos o quanto a questão da moda e das mudanças de costumes abala a autoridade externa, deixando, a figura do pai dividida entre o tradicional e o moderno.

Os conflitos ligados à moda surgem devido à “afronta” que os novos modelitos e tecidos causam ao tradicionalismo no modo de vestir. Em “O espírito das Roupas”, Gilda de Mello e Souza escreve que “todos os sociólogos concordam em que a moda se encontra em oposição aos costumes”<sup>48</sup> Isso acontece porque a moda no início do século XX vai de encontro à idéia da roupa sóbria que servia para cobrir a nudez. Na seguinte passagem percebemos o que Azevedo pensa da finalidade da indumentária feminina, quando o autor escreve que:

“Desnudada por uns vestidinhos de dois metros de finíssima fazenda batizada em francês, que exasperavam o pobre Azevedo, não pelo preço de arrancar couro, mas por não exercerem com eficácia, ao menos mediana, a principal função do indumento”.<sup>49</sup>

Ou seja, no enredo “Gizinha”, o personagem Azevedo vê-se atordoado pelo exemplo tão próximo da ruptura com o “antigo” dado pela filha.

Diante desse cenário de novos costumes, a família passa por um processo de adaptação e reafirmação de papéis. Ser moderno pede a negação de tudo que for relacionado ao passado, mas ao mesmo tempo causa conflitos na medida em que se vai transgredindo o tradicional. A família vai modelando-se de acordo com as mudanças de moda e costumes ocorridas com o processo de modernização.

<sup>47</sup> FEITOSA, Polycarpo. Gizinha. Natal: A.S. editores, 2003 p.18

<sup>48</sup> SOUZA, Gilda de Mello e. O Espírito das Roupas: A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Pag.20

<sup>49</sup> FEITOSA, Polycarpo. Gizinha. Natal: A.S. editores, 2003. pag.24

Uma família burguesa, como é o caso da de Gizinha no início do século XX, não surge de repente, mas foi moldada por uma série de mudanças proporcionadas pela urbanização. Partindo do exemplo de Recife, Iranilson Buriti de Oliveira escreve que:

a família burguesa não é um objeto dado, doado pela modernidade, mas uma produção de olhares, de visões distintas, de conflitos.<sup>50</sup>

A autoridade patriarcal vê-se abalada pelo poder dos novos costumes. Apesar de pertencer ao “tempo antigo”, Azevedo não é capaz de sustentar esse tipo de autoridade, até mesmo porque ele próprio já se vê absorvido pelas idéias de modernidade. Mesmo não aprovando, por exemplo, os vestidos da filha, ele não a proíbe de usá-los, visto que ela apenas estava seguindo a moda. Iranilson Buriti escreve que :

a modernidade ia inscrevendo nos corpos – urbano e familiar – novas marcas tatuagens que marcavam a arquitetura, a sociabilidade familiar.<sup>51</sup>

É importante ressaltar que o modelo de família burguesa, como o tratado em “Gizinha”, surge como adaptação da família patriarcal às mudanças de comportamento provenientes de novas rotinas criadas pela modernidade. Essa modernidade, segundo Iranilson Buriti,

era vista e dita como o desejo de emancipação do obscurantismo, dos preconceitos, tecendo uma rede maior de liberdade, de individualização cada vez mais crescente.<sup>52</sup>

O poder do pai, na família patriarcal, vai perdendo espaço para as intervenções externas na sua casa, como os discursos sanitaristas e médicos, discurso pedagógico, a

---

<sup>50</sup> OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Façamos a Família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30).

<sup>51</sup> IBID.P.36

<sup>52</sup> IBID.P.23

própria moda de vestimentas e costumes ditadas pelos países europeus. A sociedade natalense, como observamos através de “Gizinha”, frequenta bailes, praias, o Natal Clube e acompanha as novidades da moda através das revistas como, por exemplo, “A Cigarra”. No exemplo de Recife, Iranilson Buriti escreve que:

nessa época histórica, as famílias passam a ser alimentadas por uma indústria de consumo e de mídia (revistas femininas, literárias, secções de jornais destinados ao consumismo) nunca vista antes na história do Brasil.<sup>53</sup>

Em Natal, além das revistas, o jornal *A República* era grande divulgador das influências da moda em nosso capital. Em uma coluna social intitulada *modas femininas*, percebemos o entusiasmo da adesão feminina à moda.

O salão do Aero Club estava uma riqueza de invejar. Além da sedução particular do salão aristocrata, as florescências da graça e da beleza completavam o encontro do baile. Toillettes ricos, elegantíssimas. Umas singelas e dominantes por modelos que já não são novos, outras com extravagâncias de novos cortes. Paris é tida como uma infatigável criadora de modas. No Rio exageram. Em São Paulo vão adiante. Mas, meu Deus, quando chegam pelo Norte, Rio fica a pedir desculpas de não haver adivinhado e espírito da moda...<sup>54</sup>

Como podemos perceber através dessa coluna social, a sociedade natalense, assim como as de outros centros urbanos brasileiros, buscavam ao máximo espelhar-se no consumismo estrangeiro.

A família passa a ser induzida a novos padrões de comportamento social, abandonando o espaço privado (casa) e ganhando o espaço público (rua).

---

<sup>53</sup> OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Façamos a Família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30).

<sup>54</sup> A REPÚBLICA, 29 de Agosto de 1929

Numa viagem feita ao Rio de Janeiro no início de século XX, Henrique Castriciano,<sup>55</sup> um prestigioso intelectual e reformador social da época escreve sobre a impressão que teve da sociedade local, ansiosa em fazer exposições da moda importada:

Há vestidos de grande preço apertando cinturas delicadas;(…) jóias custosas ornando dedos costas à honra em que, nas cidades verdadeiramente cultas, só as mãos pecadoras exibem cobertas de brilhantes.(…)

Mas o que ressalta é o artificial, o ar de vagabundagem, logo apanhado pelo estrangeiro, especialmente pelo anglo-saxão, admirado de ver tanta pacholice ingênua, tanto luxo exibido não nas grandes corridas, nas recepções, nos teatros, mas simplesmente, nas ruas e nos bondes.<sup>56</sup>

Nessa passagem, Henrique Castriciano trata da questão do exagero e da inadequação de roupas e jóias exibidas por uma sociedade tentando a todo custo, assemelhar-se ao estilo europeu.

Através da leitura de “Gizinha, podemos perceber que, apesar das mudanças de costumes no início do século XX, da maior frequência das pessoas na vida pública e da forte influência da moda, não se permitia que as mulheres se esquecessem do seu papel de mãe e esposa.

Ainda que não desfrutasse de uma felicidade conjugal, Regina sabia sua obrigação de esposa fiel e, pelo menos diante dos outros, de submissa ao marido. Azevedo orgulhava-se de Regina de “portar” dignamente como deveria todas as mulheres. O narrador escreve que:

E se não cria que a mulher lhe quisesse um bem extraordinário, sabia-a bastante educada e cautelosa para não fazer asneiras, sobretudo num pequeno meio como Natal, onde estas seriam facilmente descobertas e divulgadas.<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> Para maiores informações sobre Henrique Castriciano de Souza ver: CASCUDO, Luís da Câmara. Nosso Amigo Castriciano.

<sup>56</sup> ALBUQUERQUE, José Geraldo de. Henrique Castriciano (um reformador social). Natal, 1985. PRAEU

<sup>57</sup> FETOSA, Polycarpo. Gizinha. Natal: A.S. editores, 2003. P.19

É importante ressaltar que o casamento era a etapa mais importante da vida de uma mulher. O matrimônio dava “status” à ela. A esposa era considerada a rainha do lar, quem conduzia a felicidade da família. Seu papel consistia principalmente na satisfação do esposo e filhos e a harmonia da família dependia dela.

Podemos também perceber o comportamento esperado da mulher através do casamento de Gizinha, pois mesmo não suportando mais a convivência com o marido, Gizinha é aconselhada por sua mãe a manter o casamento, pois a situação de mulher divorciada era pior do que a de um matrimônio infeliz. As mulheres temiam a separação, pois além da perda de seu provedor financeiro e de seu status social, elas ficariam mal faladas. Ou seja, a mulher encontrava-se “encarcerada” pela obrigação da estrutura familiar. Segundo Iranilson Buriti:

A tríade lealdade, domesticidade e maternidade encaixa-se num grande mosaico social, sendo a mulher uma peça do silêncio e, muitas vezes, da constante ausência de afeto entre o casal moderno.<sup>58</sup>

Verificando o final que Polycarpo Feitosa dá ao desfecho, ou seja, diante da situação que se encontrava o casamento de sua personagem principal, Gizinha, ele acha como saída a morte de Julinho em outro Estado, fazendo assim, com que sua “heroína” tenha um final sem máculas, visto que ela não recorreu ao abandono do casamento.

---

<sup>58</sup> OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Façamos a Família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30). P.279

## CONCLUSÃO

O processo de modernização e urbanização em Natal proporcionou transformações físicas e mudanças comportamentais nas pessoas. A família não consegue mais sustentar o modelo patriarcal e novos padrões de comportamento vão surgindo e modernizando o convívio social e familiar.

Através da leitura de *Gizinha* podemos perceber as mudanças em conflito com o tradicional. A família burguesa aos poucos vai se moldando às novas mudanças proporcionadas pela modernização. Medidas médico-sanitaristas e pedagógicas, novas opções de lazer e a moda vão ditando o novo modelo de família e mulher apropriados para a época.

O estudo de uma obra literária como *Gizinha* mostrou-se importante porque através de uma narrativa o autor faz uma representação da realidade em que ele vive. Apesar do enredo não retratar os fatos como eles realmente aconteceram, o romance oferece dados sobre Natal no início do século, tanto no plano físico, quando o autor menciona os bairros, os clubes, as praias, quanto da mentalidade das pessoas na época.

No enredo, a família de *Gizinha*, representando outras famílias da época e a sociedade como um todo, mostra o impacto que o “novo” passa a causar principalmente em relação à moda e costumes. *Gizinha* representa a assimilação do “novo”, mas ao mesmo tempo o conflito com o tradicional.

Quanto ao comportamento feminino percebemos através da leitura do romance, que a mulher deveria, acima de tudo, priorizar o casamento e seu papel de mãe. Diante das novidades que o mundo moderno proporcionava, como maior presença das mulheres

no espaço público e adesão feminina às modas, a preocupação com o comportamento feminino é freqüente e elas são educadas para não esquecerem seu papel na família.

## FONTES

A República, 10 de novembro de 1906

A República, 18 de Janeiro de 1908

A República, 30 de Setembro de 1919.

A República, 09 de Março de 1923

A República, 13 de Março de 1928.

A República, 10 de Setembro de 1928.

A República, 29 de Agosto de 1929

A República, 20 de Outubro de 1937.

FEITOSA, Polycarpo. GIZINHA. Natal: A.S. Editores, 2003.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR, Duval Muniz. *Nordestino: Uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste 1920-1940)*.

ALBUQUERQUE, José Geraldo de. Henrique Castriciano (um reformador social). Natal, 1985. PRAEU

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rocco

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

DIAS, Franknilda Macia de Medeiros. *Da escola ao lar: A mulher na cidade do Natal (1915-1930)*. Monografia (graduação em História)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

LIMA, Pedro de. *O Mito da Fundação de Natal e a Construção da Cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: cooperativa cultural, Sebo Vermelho, 2000.

MALUF, Marina; MOTT, Lúcia Maria. *Recônditos do mundo feminino*. IN: SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. V.3.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: O processo de modernização do Natal 1889 / 1913*. Natal: EDUFRN, 1999

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Façamos a Família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. Recife, 2002

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.



SOARES, Jamilson Azevedo. *Fragments do passado: uma (re)leitura do urbano em Natal na década de 20*. Natal, 1999. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das Roupas: A moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

SOUZA, Itamar de. *A república velha no Rio Grande do Norte: 1889 – 1930* Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1989.

# VESTIR-SE SERA' UM PRAZER ?

DE UMA CHRONICA DE MARIA EUGENIA CELSO

De todos os prazeres providencialmente repartidos pela agrura insipida da existencia, o que mais duradouramente tem a mulher á sua disposiçao é o prazer de vestir-se.

Começa pela camisolinha bordada e o cueiro *festonné* e acaba nas linhas vagas, da mortalha, pois, até no instante da suprema partida é certo ainda indagarem as amigas chorosas: "mas como foi ella vestida?..."

E se o nosso final vestido não tiver o cunho de simplicidade requerido pela funerea circumstancia, ai de nós!... até no caixão ainda nos hão de criticar o máo gosto tumular.

Durante a vida, porém, vestir-se constitue realmente, senão a preocupação maxima de todas as mulheres, pelo menos a predileção de suas occupaões.

Atravez as modificações das modas consecutivas e a mudança das respectivas idades o prazer de vestir-se acompanha-nos como o mais certo, o mais permanente, o mais tolerante dos camaradas.

Contra essa tolerancia, precisamente, é que em todos os tempos a voz escandalizada da moral vem erguendo o seu "*non licet*", repressor.

Assegurariam os pessimistas que é caso de dizer-se haver a moral perdido o seu latim, quando recordamos que já Tertuliano, no anno 200 de nossa era, protestava contra a ousadia do vestuario feminino. Esse protesto echôa teimosamente por todos os seculos sem

que por isso tenham deixado de seguir a moda as mulheres e... de continuar a existir pudicia na face peccadora da terra. A moda é um mal necessario. Se não fosse a diversidade de suas manifestações, que seria afinal da variedade, da divina variedade das apparencias? Imaginemos, um momento, desde a Eva da Genese até as melin-



drosas do momento, todas as mulheres trajando immutavelmente pelo mesmo padrão comico do vestido de folhas...

Teria sido a monotonia, a frieza retardataria, uma incalculavel porção de industrias rendosas mortas por assim dizer no ovo da hypothese, a desastrosa não existencia de uma série de cousas absolutamente encantadoras como o ves-

tir, por exemplo, desde que é d'elle que n'este instante nos occupamos. Na mocidade, o vestir representa uma alegre festa descuidosa, a moldura propicia onde a gente com desvelos de proprietario enquadra a teta viva da sua graça ou o painel fascinador da sua formosura.

O vestido novo significa todo um complicado poema de combinações, calculos, receios, esperanças e contentamentos de amor-proprio.

Ao apertar-lhe o ultimo colchete, em face ao espelho da penteadeira, o olhar aguçado como lamina de bisturi prompto a esmiuçar-lhe o mais recôndito defeito, a moça tem um instante de completa e radiosa satisfação. Não ha nada a dizer...

O tecido não faz uma ruga, escorrega-lhe ao longo das linhas esbeltas com a elegancia que sonhara, a decahida do drapêo tem a negligencia exacta do modelo, o decote abre-se como a corolla de uma flôr, a costureira advinhou-lhe o pensamento... está uma beleza...

E a sós, no quarto, mirando a propria imagem embellezada, a joven sorri ao successo que lhe vai por certo valer e ás lisonjas que lhe acarretará esta cousinha de seda e renda, num agradecimento tacito a si-mesma por ter tido a feliz ideia d'aquelle feitio e d'aquella cor.

Ao invés d'este muito humano e justificavel contentamento, se o vestido tem a desdita de não rea-